

# Contribuições do conceito de verbivocovisualidade para as práticas de análise linguística/semiótica de base dialógica

Contributions of the concept of verbivocovisuality to the practices of dialogical linguistic/semiotic analysis

Cristiane Malinoski Pianaro Angelo<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)  
[cristiane.mpa@gmail.com](mailto:cristiane.mpa@gmail.com)

Adriana Delmira Mendes Polato<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)  
[ampolato@gmail.com](mailto:ampolato@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir as contribuições do conceito de verbivocovisualidade para as práticas de análise linguística/semiótica (PAL/S) em sala de aula de ensino básico. A perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem, preconizada por Bakhtin e outros autores do Círculo, balizam a discussão. O curta-metragem de animação *Vida Maria* (Ramos, 2006), que denuncia a perpetuação do ciclo de pobreza e falta de oportunidades, ao qual estão submetidas meninas e mulheres pobres nordestinas, é eleito como o enunciado de análise e trabalho pedagógico, por unir, de forma indissociável, o verbal, o visual e o sonoro. Para reflexão sobre efeitos de sentido ou ressaltos axiológicos constituídos a partir de recursos verbivocovisuais, atividades epilinguísticas/de epilinguagem integrantes da PAL/S são apresentadas à produtividade da formação reflexiva e crítica dos sujeitos alunos à análise verbivocovisual.

**Palavras-chave:** dialogismo; práticas de análise linguística/semiótica; verbivocovisualidade.

**Abstract:** This article aims to discuss the contributions of the concept of verbivocovisuality to linguistic/semiotic analysis (PAL/S) practices in the elementary school classroom. The dialogic perspective of working with language, advocated by Bakhtin and other authors of the circle,

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/Pr. Coordenadora do Projeto “Entonações valorativas em bilhetes orientadores para a revisão e reescrita textual”, proposto junto à UNICENTRO com apoio do CNPq-Fundação Araucária.

<sup>2</sup> Doutora em Letras. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Câmpus de Campo Mourão/Pr, com apoio da Fundação Araucária.

guides the discussion. The animated short film *Vida Maria* (Ramos, 2006), which denounces the perpetuation of the cycle of poverty and lack of opportunities to which poor girls and women from the Northeast are subjected, is chosen as the statement for analysis and pedagogical work, as it inseparably unites the verbal, visual and auditory aspects. To reflect on the effects of meaning or axiological repercussions constituted from verbivocovisual resources, epilinguistic/epilanguage activities that are part of PAL/S are presented to the productivity of the reflective and critical training of the students subjected to verbivocovisual analysis.

**Keywords:** dialogism; linguistic/semiotic analysis practices; verbivocovisuality.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, em coro com as discussões atuais da Linguística Aplicada, advoga a favor de práticas de leitura e de escrita que articulem “[...] o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens” (Brasil, 2018, p. 74), portanto considerando essas dimensões numa unicidade arquetônica, no todo enunciativo. Nessa perspectiva, o documento preconiza que o fazer pedagógico volte-se à reflexão de que enunciar envolve um projeto de dizer que implica em um diálogo entre diferentes modos de linguagem, a refletir e a refratar valorativamente a realidade socialmente constituída (Brasil, 2018).

No que diz respeito às práticas de análise linguística/semiótica – foco deste artigo – a Base faz menção ao trabalho com os textos multimodais/multissemióticos, para os quais recomenda uma análise que leve em conta o trabalho tanto com as imagens visuais estáticas, quanto com as imagens dinâmicas, as performances e a música: plano/ângulo/lado, figura/fundo, profundidade e foco, cor, intensidade, características de montagem, ritmo, tipo de movimento, duração, distribuição no espaço, andamento, melodia, harmonia, timbres, instrumentos, dentre outros (Brasil, 2018).

Ao ratificar o trabalho com textos-enunciados mobilizados em gêneros discursivos, a BNCC confirma a relevância da Prática de análise linguística/semiótica de

perspectiva/base dialógica (Polato, 2017, Polato, Menegassi, 2019, Acosta Pereira, 2018, Acosta Pereira, Costa-Hübes, 2021, Mendes-Polato, Ohuschi, Menegassi, 2020), a qual assumimos neste trabalho.

Ante essas indicações, trazemos para esta discussão o conceito de verbivocovisualidade (Paula, Serni, 2017, Stafuzza, Lima, 2017, Villarta-Neder, 2019, Luciano, 2021, Paula, Luciano, 2020a, 2020b, 2020c, Cruz, Angelo, 2024), que se alicerça no referencial teórico-epistemológico-axiológico de Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2011, 2015, 2016, Volóchinov, 2017, 2019, Medviédev, 2019) concernente à tridimensionalidade da palavra.

Nos estudos que têm como objeto os textos-enunciados multimodais/multissemióticos, como se prenuncia na BNCC, é sabido o princípio de que não existem textos monomodais, mas paletas ou espectros descritíveis e analisáveis de intensidade de multimodalidades (Ribeiro, 2021). O mesmo se pode afirmar sobre a verbivocovisualidade. Em escala constitutiva, ela compõe a tridimensionalidade da palavra, e se organiza na inter-relação das dimensões verbal, vocal/sonora e visual/imagética. Porém, para além disso, a verbivocovisualidade pode se intensificar nos textos-enunciados que coadunam, explicitamente, a linguagem verbal a outras semioses, seja de forma estática, a exemplo das materialidades como as tiras, ou de forma dinâmica, como nas materialidades filmicas. Nesses casos, tanto a imagem se refrata em complemento à palavra quanto as palavras ou expressões, concretizadas em estruturas sintáticas mais complexas mobilizadoras de blocos de juízo de valor (Mendes-Polato, Menegassi, Fuza, 2022), remetem à formação de imagens complementares àquelas já dispostas.

Sendo assim, arguimos que o conceito de verbivocovisualidade pode robustecer as discussões em sala de aula concernentes aos conhecimentos que operam nas análises linguísticas e/ou de outras semioses (práticas de linguagem), necessárias à compreensão de efeitos de sentido ou ressaltos valorativos concretizados na materialidade verbo-visual

e que podem ser abordados em situação pedagógica pela mediação de atividades de epilinguagem<sup>3</sup>.

Assim, o objetivo deste artigo é discutir as contribuições do conceito de verbivocovisualidade para as práticas de análise linguística/semiótica em sala de aula de ensino básico, tomando-se como exemplo ilustrativo o curta-metragem de animação *Vida Maria* (Ramos, 2006), o qual narra a rotina da personagem Maria José que, em sua infância, no cronotopo do interior nordestino, foi obrigada a abandonar os estudos para cuidar das tarefas domésticas, assim como já havia feito sua mãe e suas avós. Unindo, de forma indissociável o verbal, o visual e o sonoro, esse curta denuncia o ciclo da pobreza e a falta de oportunidades para muitas mulheres de lugares remotos do nordeste brasileiro, incitando o espectador ao olhar crítico sobre fenômenos e situações referentes àquela organização social e econômica. Em razão do espaço, quatro intervalos cênicos do curta são eleitos a uma análise mais detida, por representarem momentos distintos na narrativa fílmica – o início, o desenvolvimento e o desfecho. A partir deles, apresentamos possibilidades de realização de atividades epilinguísticas/de epilinguagem, a fim de corroborar a compreensão de efeitos de sentido ou ressaltos axiológicos – valorativos e entonacionais.

Para alcançar esse objetivo, abordamos, inicialmente, o conceito de verbivocovisualidade, recuperando brevemente o seu surgimento e as discussões desenvolvidas por pesquisadores brasileiros, com base no referencial teórico-epistemológico-axiológico de Bakhtin e o Círculo; posteriormente, revisitamos princípios teórico-metodológicos basilares da prática análise linguística/semiótica. Por fim, apresentamos análise prévia do texto-enunciado eleito ao trabalho pedagógico, com foco no recorte de intervalos cênicos tomados como exemplos e, a partir dos quais,

---

<sup>3</sup> Entendemos que atividades epilinguísticas medeiam reflexões sobre operações discursivas em nível linguístico e atividades de epilinguagem medeiam reflexões sobre efeitos de sentido ou ressaltos valorativos constituídos também a partir de outras semioses. Como o linguístico não se separa do visual nas materialidades multimodais/multissemióticas, adotamos o termo epilinguagem, para abarcar tanto reflexões sobre aspectos linguísticos quanto reflexões sobre outras semioses.

apresentamos propostas possíveis de atividades de epilinguagem. Nesse processo, destacamos, a exemplo de Cruz e Angelo (2024), como essa narração filmica é integradora das dimensões verbal, sonora e visual, permitindo, nas aulas de língua(gem), a reflexão sobre a realidade constituída e artisticamente representada.

## VERBIVOCOVISUALIDADE

O termo *verbivocovisual* foi cunhado por James Joyce, em *Finnegans Wake*<sup>4</sup> (1975, p. 341). Esse termo propõe que a composição verbivocovisual substancie simultaneamente as dimensões verbais, sonoras e plásticas, para assim ampliar seu poder significante. Para ilustrar essa perspectiva, podemos citar o recurso de palavras-valise, amplamente utilizado em *Finnegans Wake*, que une duas ou mais palavras numa só, algumas delas de diferentes idiomas, o que coloca em relevo não o sentido imediato das palavras ou expressões, mas a sonoridade das mesmas, por exemplo, *laughtears* (Joyce, 1975, p. 15), uma junção das palavras *laugh* e *tears*, traduzido por Fedra Rodríguez como lagrimarrisos (Amarante, 2018, p. 259). Podemos acrescentar ainda o *soundsense*, vocábulo formado por uma associação de inúmeras letras, cujo significado só pode ser inferido numa leitura em voz alta. Assim, por exemplo, “Bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonneronntuonnthunntrovarrhounawnsk awntoohooordenenthurnuk” (Joyce, 1975, p. 03), palavra formada de várias outras, procedentes de idiomas diversos, referentes a “trovão”, transforma-se, no enunciado de Joyce, em uma onomatopeia, que evoca a força, a violência do estrondo do trovão.

No esteio de Joyce, em meados do século XX, os poetas concretistas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, fundadores do chamado grupo Noigandres, renovam a concepção de poesia ao tomarem de empréstimo a expressão

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.rosenlake.net/fw/Finnegans-Wake-Faber-Faber-1975.pdf> Acesso em 20 fev. 2025.

joyceana verbivocovisual, para fazer alusão à própria concepção de composição da linguagem poética concreta. Nas palavras dos poetas

Os poemas concretos caracterizar-se-iam como uma estruturação ótico-sonora irreversível e funcional, e, por assim dizer, geradora de ideia, criando uma entidade todo-dinâmica, ‘verbivocovisual’ – é o termo de Joyce de palavras dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema. Com essa estrutura diferenciada a poesia concreta fixou-se como um movimento que repaginou os padrões da poesia (Campos, Pignatari, Campos, 1975, p. 34).

Sendo assim, essa modalidade de poesia exige que os leitores lidem com vários elementos interligados que são essenciais para a prática e a análise da poesia concreta – cores, fontes, tamanhos, espaçamentos, simetrias, sons, lexemas, disposição espacial – de modo que todos interagem de maneira complexa e multidimensional para criar significados ricos e plurifacetados.

Considerada sua dimensão extralinguística, e situado num cronotopo no qual a luta pela terra era marcada no meio rural brasileiro, no poema concreto “Terra” (1958), por exemplo, Décio Pignatari expõe uma visão crítica sobre a questão da reforma agrária, oferecendo ao leitor uma imagem, em disposição visual retangular, que sugere um campo que foi ou está sendo arado, efeito determinado pela forma espaçada com que seus elementos são apresentados, formando uma linha vertical e uma diagonal.

**Figura 1 - Poema terra**



Fonte: Pignari (1958).

Isso é reforçado com a expressão “araterra”, que pronunciada nos faz ter a impressão de escutar a frase “ara a terra”. Dessa forma, ato de arar a terra está presente verbal, vocal e visualmente, em consonância com o princípio da verbivocovisualidade, provocando, com isso, uma atitude responsiva ativa marcada pela sensibilidade do leitor. Quando o autor-criador propõe, nesse poema, a expressão “erraterra” deixa ao leitor a possibilidade de pronunciá-la e compreendê-la de duas maneiras: “errar a terra” ou “é rara a terra”. No primeiro caso, introduz-se a ideia de erro no processo, uma má distribuição dos campos de cultivo, o que é fortalecido visualmente pela repetição da forma verbal “ter” no final dos cinco primeiros versos, pela quebra dessa mesma forma verbal no verso oito, pelas divisões não uniformes no poema (quatro figuras geométricas em diferentes tamanhos e formatos), como também pelas divisões silábicas não convencionais. No segundo caso, compreendemos o fato de a terra ser rara, tão rara que é necessário lutar para consegui-la (“ter” “terraterra” – “ter rara terra”). Compreendemos, assim, a luta ideológica de uma classe que não tem seu pedaço de terra para morar e trabalhar, pelo fato de esta ser rara. Tal luta muitas vezes leva à morte, que é sugerida no poema pela fonte utilizada para a letra “t”, em formato de uma cruz. Assim, ao articular o som, o visual e o sentido das palavras – verbivocovisualidade – a poesia concreta visa a uma arte total da palavra, “numa perspectiva poética ancorada na vida, constitutiva do homem” (Paula; Batista, 2021, p. 56).

No âmbito dos estudos dialógicos, diversos pesquisadores brasileiros, como Paula e Serni (2017), Stafuzza e Lima (2017), Villarta-Neder (2019), Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d), em diálogo com as produções teórico-analíticas que explicam “o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado, [...] organizados num único plano de expressão” (Brait, 2013, p. 50), advogam que a verbivocovisualidade ou a tridimensionalidade da linguagem ultrapassa a poesia concreta, pois se manifesta também no romance, nas artes visuais, na literatura e “em qualquer materialidade enunciada” (Paula, Luciano, 2020d, p. 708). Assim, a entoação vocal, a sonoridade e a construção imagética manifestam-se de modo inquebrantável (Paula; Luciano, 2020a), como na

narração filmica, abordada neste artigo, cuja compreensão requer a integração de diversos elementos utilizados em sua construção – músicas e efeitos sonoros, figurino, cenário, iluminação, movimentos e posições de câmera, colorações, tópicos frasais, entoações, ritmos de fala, disposição dos sujeitos na cena, dentre outros – a constituir unidades de sentido que refletem e refratam índices de valor e embates de ideologias sociais. “O enunciado verbivocovisual é considerado, em sua potencialidade valorativa, [...]” (Paula; Serni, 2017, p. 179-180), independentemente do gênero em que se materializa.

Em defesa de uma concepção tridimensional do enunciado, Stafuzza e Lima (2017, p. 98) argumentam que

[...] apesar de Bakhtin e seu círculo não tratarem de ‘verbovocovisualidade’, nem de ‘discursos verbovocovisuais’ em termos, seus escritos trazem importantes contribuições para entendermos o ‘verbovocovisual’ como um procedimento de análise discursiva, uma vez que o discurso tomado como objeto de análise se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais, sendo a obra do Círculo suporte para análises.

Tal premissa se apoia, por exemplo, na discussão de Volóchinov (2017) ao afirmar que nenhum signo não verbal pode ser compreendido e respondido senão por intermédio da palavra, visto todos os processos de criação ideológica serem envolvidos pelo universo verbal. Os signos não verbais não podem adentrar a consciência humana diretamente, participar do diálogo interior, dos processos de apreensão, reavaliação e exteriorização, senão por intermédio da interpretação refratária da palavra. Por outra via, as palavras e expressões também remetem à formação de imagens.

O mesmo Volóchinov (2019) discorre sobre a dependência do enunciado em relação ao peso sócio-hierárquico do auditório: “essa orientação social estará sempre presente em qualquer enunciado do homem, não somente o verbal, mas mesmo recursos corporificados (por meio de gestos e expressões faciais), independentemente da forma de sua realização” (Volóchinov, 2019, p. 280). Assim, “A palavra e o gesto das mãos, a expressão do rosto e a pose do corpo são igualmente sujeitos à orientação social e

organizados por ela” (Volóchinov, 2019, p. 281). A análise do gesto e de todos os signos ideológicos não verbais, a incluir imagens, cores, objetos se dá a partir de uma interpretação axiológica, à medida que (des)revela a valoração e o plano entonacional compartilhado via relações dialógicas com discursos já ditos e a partir da reação antecipada ao(s) interlocutor(es) constituído(s) no enunciado (Bakhtin, 2015).

Também Bakhtin (2011, p. 307-308), no ensaio “*O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*”, lança o olhar para esse diálogo (constitutivo) entre signos de semioses diversas: “[...] Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes [...] opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos” e não representações mortas, frias, separadas da realidade que medeia a produção de sentidos.

Medviédev (2019), ao conceituar o enunciado, também não o faz a partir de uma perspectiva que enfoca o aspecto verbal apenas, mas de uma ótica que, sendo o enunciado parte da realidade constituída, envolve, de forma indissociada, o verbal, o sonoro e o visual. Para o autor,

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual – o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta. Ele mesmo reage a algo: ele é inseparável do acontecimento da comunicação (Medviédev, 2019, p. 183).

Mais recentemente os estudos de Ivan Sollertínski<sup>5</sup>, também membro do Círculo, musicólogo reconhecido na União Soviética, têm adentrado nas pesquisas no Brasil, por meio dos trabalhos de Cassoti (2010), Luciano (2021) e Paula e Luciano (2020c). Paula

---

<sup>5</sup> No Brasil, o acesso aos trabalhos de Sollertínski é escasso. A maneira mais frequente de nos depararmos com a obra do musicólogo russo é por meio de excertos presentes em pesquisas em música (Luciano, 2021).

e Luciano (2020c, p. 128) observa que “Sollertínski lança mão de conceitos como dialogismo, multiplicidade de vozes, carnavalização para analisar e descrever os fenômenos das obras não só de Mozart, mas de Beethoven e da música de maneira geral, compreendendo-a como um acontecimento social, uma linguagem por excelência”. Trata-se, assim, de uma proposta direcionada para uma abordagem sócio-filosófica da música, para a música como discurso, assim como o é o artístico-literário para Bakhtin (2015).

Todos esses excertos apontam que a filosofia da linguagem bakhtiniana não se circunscreve apenas à materialidade verbal, visto que o projeto se direciona para o problema da linguagem e da significação geral dos signos, inclusive porque o “coletivo pensante” – como denominado por Medviédev e Medviédeva (2014) – é formado por teóricos com formações heterogêneas que vão desde a filosofia até a linguística, a biologia, o teatro, a literatura, a música e a física.

A partir dessa constatação, pesquisadores brasileiros do campo dialógico pensam a “tridimensionalidade verbivocovisual” (Paula, Luciano, 2020c), atrelada ao projeto bakhtiniano para promover a abordagem do enunciado levando em conta a síncrese dessas linguagens em seu cerne.

Considerando a produção dialogada do Círculo, as áreas de atuação de seus membros, o interesse em pensar a linguagem de maneira ampla, ainda que tomada a partir e por meio do estudo da literatura, é que compreendemos a concepção filosófica de linguagem bakhtiniana de forma tridimensional, pois, ao analisar o sujeito e como ele se manifesta na e pela linguagem, percebemos o quanto ele se concretiza [...] de maneira verbivocovisual, como a vida, constituída de suas semioses (Paula; Luciano, 2020c, p. 718).

Na esteira do pensamento do Círculo, a expressão da consciência humana acontece “como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.)” (Volóchinov, 2017, p. 212). Dessa forma, para os autores russos, a consciência se define e se objetiva ao mesmo tempo por material sígnico verbal, visual e sonoro, logo, o sujeito se forma de maneira

verbivocovisual. Por esses aspectos, Paula e Luciano (2020c, p. 112) explicam que “a linguagem é verbivocovisual, porque o sujeito se constitui tridimensionalmente, ao passo que a consciência se constitui de maneira verbivocovisual, pois a linguagem se caracteriza e se comporta dessa maneira”, no curso das relações sociais e no curso de uma integralidade sígnica.

Mesmo que essa tridimensionalidade não se realize visualmente no enunciado, é possível percebê-la por meio de diversos indícios “[...] um lexema, um movimento de câmera, uma sonoridade, uma pincelada, a variação de uma tonalidade, seja musical seja cromática etc.” (Paula; Luciano, 2020b, p. 10). Assim, aparentemente um enunciado pode se materializar como verbal – a exemplo de um poema, um conto, uma notícia – , entretanto é envolvido por uma entonação, enquanto “expressão sonora da valoração social” (Volóchinov, 2019, p. 287), e um aporte visual que reflete e refrata cenas do mundo; da mesma forma pode se materializar como visual – como uma fotografia ou uma pintura – no entanto, por meio das cores, traços, posições, ecoa vozes e palavras – é envolvido pelo universo verbal (Volóchinov, 2017) – o que o torna potencialmente verbivocovisual.

## **A VERBIVOVOVISUALIDADE EM PRÁTICAS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA DE BASE DIALÓGICA**

Há um longo caminho percorrido pelos pesquisadores brasileiros em relação aos estudos concernentes às práticas de análise linguística. Esses estudos, desenvolvidos desde os anos de 1984 (Gerald, 1984), têm evidenciado a ancoragem dessas práticas em uma concepção enunciativa e discursiva de linguagem e, nas últimas décadas, têm sido robustecidos no contexto brasileiro pela expansão dos estudos das obras de Bakhtin e o Círculo, que contribuiram para uma nova perspectiva a essas práticas. Assim, a PAL/S de base dialógica tem dado atenção à abordagem axiológica da língua(ge)m, a colocar em foco as relações dialógicas que constituem o sentido dos textos-enunciados e as

valorações e entonações mobilizadas estilístico-composicionalmente para realização do conteúdo temático dos gêneros discursivos. No que toca à abordagem de aspectos linguísticos, destaca-se a atenção que a PAL/S de base dialógica desprende à relação estilo-gramática, já que para Bakhtin (2011), toda escolha gramatical é, antes de tudo, uma escolha estilística que consubstancia diferentes efeitos de sentido, ou ressaltos axiológicos no discurso, ou, nos termos das proposições de Geraldi (1991), diferentes operações discursivas.

Nessa perspectiva, os conceitos de signo ideológico e axiologias são fundamentais, visto que: a) a palavra não é tomada como palavra-sistema, mas como palavra-enunciado (Volóchinov, 2017), o que envolve toda sua construção sígnica, verbivocovisual; b) avaliações sociais e respectivas concretizações entonacionais se consomem a partir da interação entre interlocutores datados e inseridos numa situação de interação discursiva.

Acosta Pereira e Costa-Hübes (2024) ressaltam que as orientações de trabalho com textos-enunciados escritos ou orais, se voltam, em adição, aos enunciados multissemióticos, atentando para suas particularidades constitutivo-funcionais. Um exemplo de trabalho pedagógico se daria na abordagem de textos-enunciados multimodais/multissemióticos, com enfoque a aspectos como ângulo, cores, distanciamento, aproximação, espaço de fundo, dentre outras instâncias analisadas como elementos temático-estilístico-composicionais.

No plano pedagógico, nas Práticas de Análise Linguística/Semiótica, atividades de epilinguagem são mediadas pelo professor, ou realizadas pelos próprios estudantes, para reflexão sobre efeitos de sentido ou ressaltos axiológicos presentes no estilo verbo-visual dos gêneros discursivos ou demarcados na forma composicional dos textos-enunciados. A forma composicional, nesse caso, também não é concebida como estrutura desprovida de valor, mas como eminentemente axiológica. As atividades de epilinguagem, assim, são constitutivas da própria linguagem, à medida que os sujeitos operam discursivamente, com e sobre ela, na produção-recepção do discurso, tanto a

considerar a situação imediata de interação discursiva que constitui a atmosfera axiológica dos enunciados (Volóchinov, 2017) quanto a considerar a historicidade tempoespacial<sup>6</sup> das práticas de linguagem, subjacentes às diferentes esferas da comunicação ideológica. De maneira (in)consciente, a depender da perspectiva teórica adotada, os sujeitos operam com e sobre a linguagem ao realizar ou compreender escolhas linguísticas, gramaticais, visuais, que implicam na produção/recepção<sup>7</sup> de diferentes efeitos, valores no discurso (Mendes-Polato; Mendonça, 2024).

Assim como podemos refletir com nosso aluno sobre os efeitos ou ressaltos axiológicos decorrentes de operações discursivas realizadas, em nível linguístico, podemos também refletir sobre os efeitos da escolha de uma cor, de um ângulo, de uma narração acompanhada da melodia ritmada de uma canção, de um relatório ilustrado com um gráfico numa apresentação, de um gesto de tristeza amparado por uma triste canção de fundo na materialidade fílmica. Uma mudança de ângulo, por exemplo, pode representar a mudança na trajetória da vida de uma personagem. Para instigar o aluno a refletir sobre efeitos como os descritos, as atividades de epilinguagem podem abarcar a *verbivocovisualidade*.

Desse modo, as atividades de epilinguagem, inseridas às práticas de análise linguística/semiótica, teórico-metodologicamente se apoiam em três princípios fundamentais: i) “a manifestação da verbivocovisualidade recobre todo e qualquer ato enunciativo e pode ser evidenciada no processo de interação dos sujeitos-enunciados na produção de sentidos, que envolve tanto o discurso interior quanto o exterior” (Paula; Luciano, 2020c, p. 115); ii) há enunciados que são mais propícios à concretização de uma verbivocovisualidade latente, como nos já reconhecidos como multimodais/multissemióticos ou naqueles nos quais o estilo verbal empregado

---

<sup>6</sup> A relação indissociável, mas não fundida tempo-espaco para Bakhtin (2018), é discutida a partir do conceito de cronotopo. Compreende-se que o tempo, fluido no fio da historicidade, derrama-se sobre os diferentes espaços, consubstanciando índices de subjetividade e corroborando a formulação de imagens discursivizadas.

<sup>7</sup> Para Bakhtin (2015) a noção de recepção não é passiva, mas sempre ativamente participante.

oportuniza a manifestação da individualidade autoral, como no caso dos enunciados artístico-literários, que favorecem a geração de imagens no discurso interior ; iii) em situações de ensino de Prática de análise linguística/semiótica, a dimensionalidade verbivocovisual está no centro das reflexões, para que o aluno possa atribuir sentidos na produção/recepção do discurso, compreendendo a intercomplementaridade das linguagens.

### ***VIDA MARIA* COMO ENUNCIADO VERBIVOCOVISUAL DE TRABALHO**

*Vida Maria* é um curta-metragem de animação em 3D, lançado no ano de 2006, produzido pelo animador gráfico Márcio Ramos. Recebeu mais de 50 prêmios em festivais de cinema nacionais e internacionais, incluindo o 3º. Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, realizado pelo Governo do Estado do Ceará<sup>8</sup>.

A animação, em 8 minutos e 35 segundos, narra a história de Maria José, uma garota nordestina que, em sua infância, se diverte aprendendo a escrever o próprio nome, mas é compelida pela mãe a desistir da introdução aos estudos, para cuidar dos afazeres domésticos. Dessa maneira, o enunciado traz reflexões sobre como a cultura e as condições socioeconômicas impõem às meninas e às mulheres pobres nordestinas um papel social estereotipado, regido por pilares de opressão, pobreza, resignação, submissão, num ciclo pernicioso que se realimenta, condenando-as a uma condição de vida sofrida, difícil, subalternizada, sem esperança de superação, em razão do abandono dos estudos, do analfabetismo, do trabalho infantil e juvenil, do casamento precoce, da falta de controle de natalidade e outros.

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/-curta-metragem-brasileiro-de-animacao-vida-maria>. Acesso em 24 fev. 2025.

Consideramos, com base em Bakhtin (2011), que o curta-metragem em questão, enquanto obra de arte, dispõe de um potencial axiológico social questionador da realidade. Ele mobiliza relações dialógicas e axiologias – valorações e concretizações entonacionais – aportadas em determinadas orientações ideológicas.

Pode-se dizer que uma obra artística é um potente condensador de valorações sociais não expressadas: cada palavra está impregnada por elas. São justamente essas valorações sociais as que organizam a forma artística enquanto sua expressão imediata (Bakhtin, 2011, p. 167).

Tendo ciência das peculiaridades que envolvem a criação artística e a sua ligação refratária e ideológica com a realidade concreta (Medviédev, 2019), o professor pode trazer o curta-metragem para o trabalho pedagógico, nas práticas de linguagem em sala de aula. Nesse âmbito, o curta é uma oportunidade para questionar a realidade social. Assim, se sugere que após assistirem ao curta-metragem integralmente, professor e estudantes possam empreender diálogos compartilhados ativos para uma leitura geral, a fim de que os últimos compreendam a temática discursivizada e o posicionamento axiológico compartilhado pela autoria. No mesmo movimento, é possível refletir sobre o próprio papel social arte em promover experiências estéticas que sensibilizam à transformação individual e social pelo diálogo, promovendo rupturas que visam à emancipação humana. O trabalho com a leitura do enunciado<sup>9</sup> é necessário, para que, em seu ínterim, sejam realizadas atividades de epilinguagem, já que a prática de análise linguística/semiótica é integradora de práticas de linguagem – leitura, escrita, oralidade, produção e recepção e textos-enunciados verbivocovisuais.

Posteriormente ao movimento de leitura inicial, que coloca em foco o tema, o posicionamento axiológico demarcado, as relações dialógicas com enunciados já ditos e

---

<sup>9</sup> Não apresentamos proposta de atividades de leitura para o texto-enunciado, por não ser o foco do artigo e por questões de espaço. No entanto, como ressaltamos, a PAL/S é uma atividade que não se concretiza desvinculada dos eixos operacionais que concernem as práticas de linguagem - leitura, escrita ou oralidade.

com a reação antecipável ao interlocutor, as avaliações atribuídas pelos alunos (Mendes-Polato, Mendonça, 2024) e sua escuta alteritária do que eles têm a dizer (Sobral; Giacomelli, 2020), o professor elege intervalos cênicos para ancorar a atividade de epilinguagem, a destacar como o verbal, o visual e vocal/sonoro estão entrelaçados no todo enunciativo para constituição do sentido. Não cabe, por razão de espaço, uma análise integral do enunciado, como se requer dialogicamente. Assim, dispomos apenas de exemplos a partir de quatro intervalos cênicos, para ilustrar como a atividade de epilinguagem pode (des)revelar efeitos de sentido ou ressaltos axiológicos verbivocovisuais na imagem fílmica dinâmica<sup>10</sup>.

### **ANÁLISE DO INTERVALO CÊNICO 1 E RESPECTIVAS ATIVIDADES DE EPILINGUAGEM**

Do marco zero até 1min07, marca-se o início do curta-metragem *Vida Maria*. O curta se inicia com o enquadramento de uma folha de caderno, na qual o nome Maria José aparece escrito várias vezes em letra cursiva, em meio a rasuras e desenhos infantis, a demonstrar que a menina está em processo de aquisição da escrita. Uma melodia delicada e tranquila, quase de ninar, marcada pelo dedilhar do violão e na sequência também pelo piano e pelo baixo, com notas harmônicas, acompanham o ato de Maria José, personagem de mais ou menos 7 ou 8 anos de idade, a escrever, de forma encantada e concentrada o próprio nome, enquanto está ajoelhada numa cadeira e apoia o caderno no pequeno cronotopo do batente da janela. Bakhtin (2008), ao explicar os efeitos do pequeno cronotopo do limiar da porta, o descreve como uma abertura, uma passagem para uma mudança na vida da personagem. De forma similar, compreendemos o pequeno

---

<sup>10</sup> Cruz e Angelo (2024) também apresentam uma discussão concernente à verbivocovisualidade a partir do enunciado *Vida Maria*. As alternativas de trabalho apresentadas pelas autoras focam tanto nos pressupostos bakhtinianos de linguagem, como também nas reflexões de Paulo Freire sobre a educação.

cronotopo da janela, como uma fenestra por meio da qual Maria José, a escrever, projeta-se ao mundo lá fora, porém não em totalidade.

O encanto e a satisfação da personagem na sua fase de aquisição da escrita são compartilhados pelo deslocamento da câmara, para enquadramento de seu rosto<sup>11</sup> (cena do início até 1min07). À delicadeza da música, podemos associar tanto as vestes da personagem (um vestido florido e de tonalidades claras), o acessório delicado de cabelo e os chinelos em combinação com as roupas. Em adição, suas expressões faciais serenas, tranquilas, iluminadas pela claridade proveniente da luz do sol que adentra a janela, consubstancia ao intervalo cênico inicial um tom de tranquilidade, harmonia. O movimento da câmara em *travelling* frontal<sup>12</sup>, recuando aos poucos em relação ao objeto filmado, projeta Maria a escrever. Por meio da janela, vislumbram-se os indícios de que a casa se situa em um lugar isolado, simples, seco e com pouca vegetação.

Na materialidade textual, não há presença da fala de Maria José ou de um narrador, entretanto o universo verbal envolve a arquitetônica da cena, visto que emergem no discurso interior do espectador signos ideológicos/palavras e imagens que refletem e refratam valores relacionados à infância como um tempo de fruição, de inocência, de aprendizado, de descoberta, dentre outros. Conforme destaca Volóchinov (2017, p. 100, grifos do autor), “[...] *a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável* [...] os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior”. Sendo assim, a palavra está presente obrigatoriamente no ato de

---

<sup>11</sup> Ao aproximar a câmara do rosto de um personagem, estamos nos aproximando dos seus pensamentos e sentimentos, o que geralmente é reforçado pela expressão facial do ator. Surpresa, raiva, alegria, são geralmente reforçados com este recurso. Disponível em <https://cineemsala.wixsite.com/cineemsala/enquadramento> Acesso em 10 de mar. de 2025.

<sup>12</sup> Chama-se movimento de *travelling* frontal (ou Dolly) quando a câmara avança ou recua em relação ao objeto filmado. Disponível em [https://www.escrevendofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-camera-fixa-camera-em-movimento-movimento-da-lente/](https://www.escrevendofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-camera-fixa-camera-em-movimento-movimento-da-lente/)

compreensão das cenas iniciais de *Vida Maria*, para além das escritas no caderno da personagem, constituindo-o como um enunciado verbivocovisual.

A composição da Figura 2, a título ilustrativo, apresenta duas imagens estáticas. No entanto, ressaltamos que, por se tratar de uma materialidade fílmica (em movimento), a referência ao intervalo analisado deve ser informada ao aluno pela minutagem, assim como o enunciado da atividade de epilinguagem precisa fazer referência ao que deve ser assistido e observado.

**Figura 2** – Ilustração estática de cenas 0:48 e 1:00

Imagem estática 01

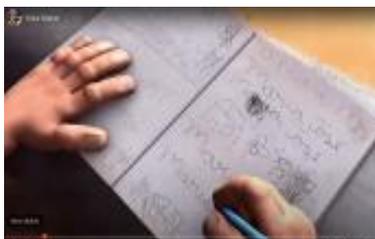


Imagem estática 02



Fonte: Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4) Acesso em 20 fev. 2025.

Sugerem-se, para a discussão com o aluno, as seguintes atividades de epilinguagem a partir da minutagem demarcada:

1) Assista novamente ao curta-metragem *Vida Maria* do seu início ao minuto 1min07, preste atenção aos efeitos sonoros e visuais envolvidos e responda:

a) Na primeira cena do filme, entre os segundos 0:34 e 0:53, mostra-se uma folha de papel e a mão de uma criança a escrever o próprio nome. Esse ato é acompanhado por uma calma de fundo, com dedilhados de violão, piano e baixo. Qual é o efeito trazido por esta música à cena?

b) A partir dos segundos 0:53, o ângulo da câmera é modificado num movimento que busca o enquadramento do rosto da personagem Maria José. Como seu olhar, suas feições e seus sentimentos ao escrever são representados?

c) Quais efeitos sonoros e visuais corroboram a representação da tranquilidade e da concentração da personagem na cena inicial?

d) Nesta cena inicial, Maria José parece feliz, calma, satisfeita? Justifique descrevendo elementos artísticos que compõem a cena.

e) Quais sentidos podem ser atribuídos ao fato de Maria José estar escrevendo, quanto olha o mundo lá fora pela janela?

Consideramos que a proposta verbivocovisual se efetiva na discussão dessas atividades, pois o aluno precisa envolver as dimensões visual e sonora ao universo verbal, a ter em vista que os signos não verbais se embrenham na consciência humana por meio da palavra (Volóchinov, 2017).

## **ANÁLISE DO INTERVALO CÊNICO 2 E RESPECTIVAS ATIVIDADES DE EPILINGUAGEM**

O intervalo cênico 2 efetiva-se entre os minutos 1min07 e 1min28. No início, a câmera se afasta num ângulo que enseja a vista da personagem a partir do olhar de outra pessoa que se aproxima. Esse momento de tranquilidade, de concentração é quebrado com a interpelação da mãe a chamar: “Maria José! Oh, Maria José”. Tamanha era a concentração da menina, que a mãe a chama por duas vezes e depois a interpela com gesto forte, abrupto, segurando-a pelo braço, de maneira repreensiva, a derrubar seu lápis no chão. A mãe avalia ser perda de tempo “desenhar o nome”. Nesse momento, impõe-se uma paradoxal ruptura que impele a menina a repetir “uma sina fatídica”: a mãe a convoca a abandonar os estudos para se dedicar ao trabalho, ao cumprimento de tarefas domésticas.

Quando a mãe chama a filha e aproxima-se abruptamente, podemos observar como todos os elementos verbais, visuais e sonoros trabalham associadamente para uma mudança da narrativa. A câmera continua se afastando de Maria José em movimento de *travelling* frontal, agregando tensão à cena. Esse afastamento se dá ao mesmo tempo em

relação à janela, o que traz para a cena pouca iluminação e demonstra a miséria em que vive a família (paredes mal-acabadas e ausência de móveis). A cor cinza das paredes reforça a ideia de monotonia, frieza e penúria. A música modifica-se, perde o ritmo calmo e harmônico e adquire um tom fúnebre, pesado. As expressões faciais e gestuais da criança – olhos arregalados em direção à mãe, acenos de assentimento às falas da mãe com movimentos da cabeça para cima e para baixo. O movimento rápido dos braços e das mãos acompanham o tom, sugerindo, nessa trama, susto, amedrontamento e aceitação do que é dito e designado. Chama a atenção ainda o enquadramento de câmera *plongée*, isto é, a câmera posicionada em nível mais elevado do que a personagem enquadrada, a consubstanciar a sensação de estar sendo oprimida.

Em contraste com a menina, a mãe apresenta vestes escuras e sombrias, tão carregadas quanto sua expressão facial e corporal. Conjuntamente à imagem, há uma locução, com forte impositação de voz (grave e rápida), a evidenciar impaciência, a autoridade e a austeridade da mãe, como se ilustra a partir da Figura 3 e do replicar da voz da mãe em sequência:

**Figura 3** - Cena 1 min23 - A mãe dirige-se à filha



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4) Acesso em 20 fev. 2025.

Mãe: Maria José! Oh, Maria José, tu não tá me ouvindo chamar não, Maria? Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora? Em vez de ficar perdendo tempo desenhando o nome, vá lá pra fora arranjar o que fazer, vá. Tem o pátio pra varrer... Tem que levar água pros

bichos...Vai, menina! Vê se tu me ajuda, Maria José! (1min13 a 1min28).

A fala da mãe dirigida à filha – uma das poucas em todo o curta – apresenta-se carregada de avaliação social, refletindo e refratando, na tridimensionalidade verbivocovisual, as experiências sociais e históricas da personagem. As escolhas lexicais – desenhar o nome, em vez de escrever; arranjar o que fazer; vê se tu me ajuda – associadas à entonação austera, em ritmo rápido e tom alto, ao movimento de puxar o braço da filha bruscamente e depois de colocar as mãos na cintura, ao olhar fixo em direção à menina, a exigir que as tarefas sejam abandonadas imediatamente em prol do serviço doméstico, reportam à ideia de que o aprender a ler e a escrever não apresentam valor diante das necessidades mais imediatas da família. Assim, a comunhão desses elementos corrobora “[...] uma dimensão [que] se encontra intrinsecamente relacionada à outra e pode fortalecê-la, explicitá-la, enfatizá-la ou atenuá-la, omiti-la, silenciá-la etc.” (Paula, Luciano, 2020c, p. 122).

É nessa ótica que a tridimensionalidade verbivocovisual, nos termos de Paula e Luciano (2020a; 2020b; 2020c), consiste em um predicado característico da linguagem, o que pode ser explorado em práticas de análise linguística/semiótica. Nessas práticas é possível analisar com os alunos a mudança na trilha sonora, a posição na qual a filha é retratada em relação à mãe, a fala e os gestos da mãe, assim como outros elementos podem ser abarcados na atividade de epilinguagem:

2) Retome a cena no minuto 1min12 em que a mãe se aproxima da filha e responda:

- a) Como é a linguagem gestual que marca a ação da mãe ao abordar a filha?
- b) Em conjunto com a linguagem gestual, qual é a entonação empregada pela mãe ao realizar as perguntas “Oh, Maria José, tu não tá me ouvindo chamar não, Maria? Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora”?

c) Quando a mãe aborda a filha a tranquilidade é quebrada. Esse efeito é corroborado pela mudança da música de fundo. Como a música passa a ser nesse momento? Que emoções e sentimentos ela desperta?

d) A fala da mãe é enfática: “vá lá pra fora arranjar o que fazer, vá”. Qual é o efeito da forma verbal no imperativo, “vá” utilizada no início e no final do turno de fala da mãe?

e) Sobre as tarefas a serem cumpridas, a mãe é precisa: “Tem o pátio pra varrer... Tem que levar água pros bichos... (1min13 a 1min28). Nesta fala, qual é o efeito da repetição da forma verbal “tem”, que marca o início das tarefas?

f) Pode-se afirmar que a partir da fala da mãe “Tem o pátio pra varrer... Tem que levar água pros bichos... (1min13 a 1min28), imagens são geradas na imaginação do leitor? Justifique:

g) Qual/quais são as entonações empregadas pela mãe quando diz: Vai, menina! Vê se tu me ajuda, Maria José!” (1min25 a 1min28)?

### **ANÁLISE DO INTERVALO CÊNICO 3 E RESPECTIVAS ATIVIDADES DE EPILINGUAGEM**

Tomamos como intervalo cênico 3, as cenas entre 3min35 a 3min57, em que Maria José, após a câmera contornar seu corpo e estacionar, filmando-a de frente, faz uso do pilão – outro elemento do contexto sócio-cultural nordestino –, em uma nova fase da vida: adulta e grávida. As batidas fortes e repetidas no uso do pilão, a melodia lenta e pesada, as vestes em tons terrosos, a fisionomia carrancuda e os suspiros de cansaço da personagem são elementos que conjuntamente indiciam uma vida marcada pela privação e pelo sofrimento, repetindo as experiências de vida da mãe.

**Figura 4** - Cena 3min56 – Maria José executando os movimentos do pilão



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4) Acesso em 20 fev. 2024.

Como atividades de epilinguagem, podem ser elencadas:

3) Assista novamente o curta, entre a minutagem 3min35 e 3min57, e analise:

a) Como é a trilha sonora que acompanha o ato de Maria José ao socar o pilão, grávida, ofegante? Quais emoções e sentimentos a trilha evoca? Para uma melhor apreensão desses efeitos, compare essa trilha com a apresentada nas cenas iniciais do filme.

b) Que outros efeitos sonoros são evidenciados nesse intervalo? O que esses efeitos dizem sobre a vida da personagem Maria José?

c) Que efeitos visuais se sobressaem na cena? Que relações esses efeitos visuais têm com os efeitos sonoros?

d) Em 3min54, Maria José para de movimentar o pilão e parece introspectiva, isto é, parece refletir sobre sua vida e suas experiências. Que reflexões ela pode estar realizando?

e) O movimento da câmera entre 3min35 e 3min57 demonstra o cenário em que a narrativa é desenvolvida. A que contexto social esse cenário remete? O fato de marcar explicitamente esse contexto, restringe as reflexões propiciadas pelo curta em relação a esse contexto, exclusivamente?

## ANÁLISE DO INTERVALO CÊNICO 4 E RESPECTIVAS ATIVIDADES DE EPILINGUAGEM

Nas cenas finais (entre 6min56 e 7min26), evidencia-se novamente o caderno (Figura 5), cujas folhas são movidas pelo vento, deixando à mostra vários nomes, escritos com letra manuscrita: Maria José, Maria Aparecida, Maria de Lourdes, Maria de Fátima, constituindo um signo ideológico que faz referência às gerações de mulheres “Marias” da família, que tiveram vivências muito semelhantes, marcadas pela falta de oportunidades e pela miséria.

**Figura 5** - Caderno com escritas das várias Marias.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4) Acesso em 20 fev. 2025.

Para esse intervalo cênico, sugerem-se as seguintes atividades:

- 4) Retome as cenas finais (entre 6min56 e 7min26), atente-se ao caderno que aparece e responda:
  - a) O que significam as repetições dos nomes de Maria José?
  - b) O que o nome Maria marca na história?
  - c) O que as rasuras nas escritas dizem sobre as condições sociais das várias Marias da história?

A constituição material do filme (formada pelo verbal, pelo vocal e pelo visual de maneira integrada), apresenta-se como uma crítica social em relação ao ciclo da pobreza e da falta de oportunidades para muitas mulheres de lugares remotos do Nordeste e de muitas outras regiões brasileiras, estimulando o espectador a observar criticamente fenômenos e situações sociais.

Consideramos que propostas como a apresentada oportunizam aos alunos compreender como a conjugação das dimensões verbal, visual e sonora e produzem uma sensibilização social, de modo que as pessoas se atentem à situação de muitas mulheres do contexto rural semiárido – também de outras realidades pelo país – que são obrigadas, por vezes, a abdicar dos estudos por questões de sobrevivência e de diversas dificuldades enfrentadas no dia a dia para manter a família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, a partir de algumas contribuições teóricas de Bakhtin e do Círculo e de pesquisadores brasileiros que se debruçam a explorar a tridimensionalidade da linguagem, analisamos o gênero discursivo curta-metragem, materializado no enunciado *Vida Maria*, levando em consideração que o discurso, tomado como objeto de análise, se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais em um todo arquitetônico que significa. Nessa arquitetura, consideramos que o curta-metragem, apresenta-se como uma interpretação do autor-criador para um drama social que aflige e oprime gerações de mulheres do sertão nordestino.

Como contribuição, apresentamos algumas possibilidades de atividades de epilinguagem para mediar, pedagogicamente, junto aos estudantes, a discussão de como a narração fílmica, integrando as dimensões verbal, visual e sonora e aproximando vida e arte, permite a reflexão acerca das estruturas sociais, das assimetrias que as constituem, das injustiças e das desigualdades que assolam a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R. A prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa: por uma ancoragem dialógica. **Revlet - Revista Virtual de Letras**, v. 10, p. 182-200, 2018.
- ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. Práticas de Linguagem em aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica: Leitura e Análise Linguística. *In*: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (Org.). **Práticas de Análise Linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. SP: Pedro & João Editores, 2021.
- ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H.; COSTA-HÜBES, T. da (Org.) **Prática de análise linguística/semiótica (pal/s) nas aulas de língua portuguesa: entre a tradição e a mudança**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.
- AMARANTE, D. W. do. **Finnegans Wake** (*por um fio*) São Paulo: Editora Iluminuras. Bilingual. 2018.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. revista e ampliada. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015 [1930-1936].
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. Port. 43-66 / Eng. 42, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- CAMPOS, A. de; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. de. **Teoria da Poesia Concreta**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CASSOTTI, R. S. Ressonâncias musicais no Círculo de Bakhtin – Ivan I. Sollertinsky, intérprete de Mozart. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. **Círculo de Bakhtin – teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin: inclassificável, v. 2).

COSTA-HUBES, T. da C. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **Percursos Linguísticos**, Vitória, v. 7, n. 14, p. 273-298, 2017.

CRUZ, S. M. da S. A.; ANGELO, C. M. P. Por uma educação verbivocovisual e emancipatória. In: ANGELO, C. M. P. ; BERTO, J. C. B.; GONÇALVES, M. **Dialogismo, práticas de linguagem e emancipação**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2024.

GERALDI, J. W. Unidades Básicas do Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: ASSOESTE, 1984a. p. 49-69.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LUCIANO, J. A. R. **Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepções verbivocovisuais**. 2021. 278f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), Araraquara, SP 2020.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução e Nota das tradutoras de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Apresentação Beth Brait. Prefácio Sheila Vieira de Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2019 [1928].

MEDVIÉDEV, I. P.; MEDVIÉDEVA, D. A. O Círculo de M. M. Bakhtin: sobre a fundamentação de um fenômeno. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 9, p. Port. 26–46 / Eng. 28, 2014.

MENDES-POLATO, A. D.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Análise linguística em charge: sequência de atividades dialógicas. **Línguas & Letras**, Cascavel, n. 49, v. 21, p. 127-154, 2020.

MENDES-POLATO, A. D.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, Â. F. Por uma perspectiva dialógica de abordagem da sintaxe em práticas de análise linguística. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 28–49, 2022.

MENDES-POLATO, A. D.; MENDONÇA, M. A prática de análise linguística/semiótica e a relação entre epilinguagem e metalinguagem. In: ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H.; COSTA-HÜBES, T. da [Org.] **Prática de análise linguística/semiótica (pal/s) nas aulas de língua portuguesa: entre a tradição e a mudança**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. **Revista Diálogos (RevDia)**, Cuiabá, v. 8 n. 3, 132-151, 2020a.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v.27, n.49, p. 01-490, out.-dez., 2020b.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. **Revista Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set.-dez. 2020c.

PAULA, L.; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 706–722, 2020d.

PAULA, L de; BATISTA, R. dos S. A verbivocovisualidade criptografada de Augusto de Campos. **Revista da ANPOLL**, 52(3), 2021, p. 55-75.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. **Raído**, [S. l.], v. 11, n. 25, p. 178–201, 2017.

POLATO, A. D. M. **Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico**. 2017. 231f. **Tese** (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POLATO, A. D. M; MENEGASSI, R. J. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, Maringá, n. 2, v. 41, p. 1-12, 2019.

RAMOS, M. **Vida Maria**. [Filme-vídeo]. Produção de M. Ramos e Joelma Ramos. Direção de M. Ramos. Ceará, 2006. Duração: 8 minutos e 36 segundos <  
[https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4)> Acesso em 25 jan. 2024.

STAFUZZA, G. B.; LIMA, G. O. Diálogo e verbivocovisualidade em ‘Cantada’ (2014) de Porta dos Fundos. **PROLINGUA**, UFPB, v. 12, n. 2, p. 97-109, set/out. 2017.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Por Uma Proposta de Educação Dialógica Alteritária. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 21, n. 49, 2020.

VILLARTA-NEDER, M. A. Verbivocovisualidade no documentário Histórias de quando a água chegou: ato responsável e diálogo na constituição intersemiótica. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 3, p. 1657-1672, dez. 2019.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017[1929-1930].

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica [1926]. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo; Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926]. p.109-146.

Data de recebimento: 18/03/2025

Data de aprovação: 04/07/2025